

Carl Gustav Jung

e os Fenômenos Psíquicos

© 2020 – Carlos Antonio Fragoso Guimarães

Carl Gustav Jung e os Fenômenos Psíquicos

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Revisão: Mariléa de Castro
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-491-1
1ª Edição – 2020

- Impresso no Brasil • Presita en Brazilo
- Produzido no departamento gráfico da

Conhecimento Editorial Ltda
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Carl Gustav Jung e os Fenômenos Psíquicos: as vivências e fatos biográficos de Jung ligados aos fenômenos psíquicos, ao Espiritismo, à Metapsíquica e à Parapsicologia e seus contatos com Sigmund Freud, William James e Joseph Banks Rhine. / Carlos Antonio Fragoso Guimarães — 2ª ed. rev. e amp. Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2020.

278 p.
ISBN 978-85-7618-491-1

1. Jung, C. G. (Carl Gustav), 1875-1961 - Parapsicologia 2. Energia psíquica (Psicanálise) Psicanalistas - Biografia - Suíça . Título

20-1382

CDD – 150.1954

Índices para catálogo sistemático:

1. Energia psíquica (Psicanálise) 150.1954
História, psiquiatria, parapsicologia, espiritismo

Carlos Antonio Fragoso Guimarães

Carl Gustav Jung e os Fenômenos Psíquicos

As vivências e fatos biográficos de Jung ligados aos fenômenos psíquicos, ao Espiritismo, à Metapsíquica e à Parapsicologia e seus contatos com Sigmund Freud, William James e Joseph Banks Rhine.

2ª edição
2020

Revista e ampliada



Para as amigas

Emília e

Gabriela dos Santos Coutinho

Os fenômenos classificados como “sobrenaturais” precisam ser investigados por mentes de primeira categoria, a fim de não se transformarem em espaço de embusteiros e charlatães. Por essa razão, a coragem e a independência intelectual de Jung deve ser aplaudidas. Como J. B. S. Haldane memoravelmente observou: “O Universo não é apenas mais estranho do que imaginamos; é muito mais estranho do que podemos imaginar”.

Frank McLynn



Sumário

	Prefácio à segunda edição.....	11
Capítulo I	Os fenômenos psíquicos e suas ocorrências na família Jung	21
Capítulo II	Uma infância solitária	30
Capítulo III	Lembranças muito especiais.....	37
Capítulo IV	Rompendo dogmas para se vivenciar a espiritualidade	51
Capítulo V	A entrada na universidade e a morte de Paul	65
Capítulo VI	Jung e o espiritismo	72
Capítulo VII	Além da psiquiatria	97
Capítulo VIII	Sigmund Freud.....	123
Capítulo IX	Freud e a parapsicologia	137
Capítulo X	William James	142
Capítulo XI	O rompimento	153
Capítulo XII	A ação da Confraria do Camafeu: a guerra antes da guerra.....	173
Capítulo XIII	O mergulho no inconsciente: história de uma morte e renascimento	179
Capítulo XIV	Filémon	189
Capítulo XV	Inconsciente, fantasmas, materializações e aparições	195
Capítulo XVI	Viagens e crítica social.....	218
Capítulo XVII	Joseph Banks Rhine.....	229

Capítulo XVIII	As garras do nazismo	240
Capítulo XIX	Parapsicologia, sincronicidade, individualização e experiências próximas da morte.....	250
Capítulo XX	Os anos finais	266
	Bibliografia	275



Prefácio à segunda edição

Quinze anos separam a primeira da segunda edição desta obra. Portanto, exigiu-se de seu autor uma revisão de conteúdo para um melhor entendimento do leitor da vida e obra de Carl Gustav Jung no contexto social em que vivemos atualmente, mais crítico e, de certa maneira, mais perigoso do que em 2004.

Diante do crescimento de manifestações sociais potencialmente nocivas, baseadas em discursos elitistas, exclusivistas, com aspectos neofascistas, vemos a atualidade do pensamento de Jung que dizia que tais aspectos de manifestação de violência e intolerância seriam frutos, em parte, de uma frustração e vazios espirituais que abrem margem a aventureiros e mercenários sociais, que, buscando o poder e o acúmulo de capital canalizariam tais frustrações por meio do incentivo ao ódio e paródia de mensagens messiânicas bem como a setores da sociedade que, em proveito próprio e de acordo com seus interesses, orientariam tais forças emergentes, utilizando-se deste vazio espiritual politicamente para, dividindo a sociedade, imporem suas pautas econômicas tantas vezes nocivas, desprezando direitos humanos fundamentais e atacando sem piedade a própria natureza. A ênfase no individualismo linear egoísta ao invés da individuação relacional e dialógica, e a ênfase cultural no ganho pessoal imediato (que continua sendo uma promessa, já que, obviamente, a elite beneficiada pelo caos social não pretende que todos tenham

ganhos e muito menos consciência destas táticas por ela utilizadas) e no incentivo à intolerância, com o fortalecimento do fundamentalismo religioso e ideológico, dão hoje, mais do que nunca, razão a Jung.

Uma compreensão deste estado de coisas implica também um reconhecimento de potencialidades e realidades desprezadas pela visão de mundo dominante, o que inclui os fenômenos psíquicos que, por pouco usuais que sejam, não deixam de ser naturais, embora o paradigma mecanicista dominante dificulte ou impeça seu melhor reconhecimento. Boa parte da obra de Jung se constitui num esforço de mostrar o lado sombrio de um reducionismo mecanicista dominante que, ao reduzir o mundo e seus seres a máquinas, transforma o vivo e o singular em coisas com mero “valor econômico” a serem utilizadas e exploradas, incluindo-se nisto, além da natureza, o próprio ser humano. Neste quadro, aspectos qualitativos, espirituais e capacidades psíquicas pouco compreendidas são entendidas como secundárias ou mesmo fantasias.

Jung estava cômico de que o estudo do mundo interno, psíquico, com sua subjetividade não passível de ser pesada ou manipulada por meio das técnicas analíticas convencionais, e suas características cognitivas, incluindo nestas as raras, mas reais possibilidades registradas por pesquisadores da própria psicologia, medicina e ciências naturais (William James, Charles Richet, Camille Flammarion, William Crookes, Friedrich Zöllner, Pierre e Marie Curie, Cesare Lombroso etc.) de capacidades de obtenção de informações por meios não ordinários (o que inclui os fenômenos paranormais como premonição, telepatia, visão remota ou retrocognição) e mesmo os relatos e experiências de inúmeras pessoas através dos tempos e culturas que parecem indicar fortemente a existência de um plano ou realidade espiritual, como nas manifestações de fantasmas ou casos de rememoração espontânea de outras vidas, seriam fenômenos que, ao não se enquadrarem no paradigma dominante e que por isso são rejeitadas pela ciência dita “normal”, em seu acúmulo de evidências poderiam ajudar aos poucos no questionamento da visão de mundo materialista (no sentido vulgar do termo) e mecanicista que

dá suporte ao sistema de exploração patológica e destrutiva atualmente vigente.

O resgate e compreensão destes fenômenos, assim como os fatores internos na relação com o mundo externo, podem ajudar o conturbado homem desta segunda década do século XXI a entender melhor a si mesmo e a seu papel no desenrolar da história neste momento crítico da humanidade.

Esta segunda edição traz alguns acréscimos em relação à primeira, notadamente alguns acontecimentos não anteriormente citados e um aprofundamento em alguns dos pressupostos teóricos da teoria junguiana relacionados aos fenômenos psíquicos, em especial no que toca a questão da sincronicidade.

Por fim, esta segunda edição também presta uma homenagem, *in memoriam*, a duas pessoas que estiveram presentes à época da elaboração e publicação desta obra, em sua primeira edição: Eduardo Carvalho Monteiro e Otávio Melchhiades Ulysséa.

Carlos Antonio Fragoso Guimarães
João Pessoa, Paraíba, 22 de agosto de 2019



Introdução

O objetivo deste trabalho é o de destacar fatos da vida do grande psiquiatra e psicanalista suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) ligados, direta ou indiretamente, ao seu interesse e aos seus pensamentos acerca dos chamados *fenômenos psi*, ou seja, aqueles fatos associados ao que se chama ordinariamente de eventos paranormais e dos quais sua vida foi especialmente rica. Portanto, o nosso relato sobre sua biografia e obra se restringe a essa delimitação precisa, já que muitas outras biografias mais aprofundadas e globais a respeito de Jung vêm sendo publicadas em ritmo crescente desde a década de 1980.

Detentor de um intelecto poderoso, de uma cultura enciclopédica e de uma criatividade genial, as obras e as ideias de Jung apenas depois de sua morte, ocorrida em 1961, vêm adquirindo o espaço e a posição que merecem, abarcando áreas que vão da psiquiatria, psicologia, antropologia, epistemologia, educação e arte até o estudo comparado de religiões e problemas sociais.

Inicialmente, seu vasto trabalho pareceu ter atingido mais a atenção de outras ciências, como a física, a antropologia, a filosofia e o estudo comparado das religiões do que propriamente a psicologia e a psiquiatria acadêmicas, mas esta injustiça está sendo reparada rapidamente nos últimos trinta e cinco anos. Fundador da Psicologia Analítica, sua influência também se estendeu sobre novas correntes da psicoterapia, como na Psicologia Humanista dos anos de 1960 e 1970, e,

mais recentemente, ele é considerado um dos fundamentos de novas propostas teóricas, como a Psicologia Transpessoal.

O interesse de Jung acerca dos fenômenos psíquicos, incluindo nestes os denominados *mediúnicos*, *espíritos*, *metapsíquicos* e/ou *paranormais*, não é nenhuma novidade e foi mesmo um dos motivos da resistência de suas ideias nos meios acadêmicos tradicionais durante um bom tempo, em especial, nos departamentos de Psicologia, em grande parte pela postura um tanto dogmática de alguns psicanalistas que viam Jung, de início o “príncipe herdeiro de Freud”, tanto como um dissidente da corrente freudiana ortodoxa, como também uma espécie de místico e, portanto, indigno de adentrar as salas ou currículos das universidades, a não ser secundariamente. Mas, ao contrário do que muitos de seus críticos apontam, Jung sabia muito bem diferenciar o joio do trigo netas áreas polêmicas, tendo feito ou participado diretamente de várias experiências e experimentos com cientistas de seu tempo preocupados com tais temas. Por exemplo, ele estudou as capacidades do médium Rudy Schneider em condições controladas, junto com o psiquiatra alemão Albert von Schrenck-Notzing e de seu antigo mentor na clínica psiquiátrica Burghölzli de Zurique, o igualmente célebre Eugen Bleuler. Estes experimentos serão relatados no decorrer deste livro.

Além disto, Jung participou na qualidade de comentarista correspondente – assim como Freud –, bem como palestrante, de reconhecidos e sérios institutos de pesquisas psíquicas, como a *Society for Psychical Research*, *SPR*, de Londres, que tinha entre seus membros cientistas e intelectuais, alguns deles mundialmente reconhecidos, mantendo farta correspondência com pesquisadores da Metapsíquica e da Parapsicologia de várias instituições e universidades, como o Dr. Joseph Banks Rhine, da Universidade de Duke, Carolina do Norte, Estados Unidos, e o Dr. Hans Bender, do *Institut für Grenzgebiete der Psychologie und Psychohygiene*, de Freiburg, Alemanha.

Seu senso crítico também o fazia crítico ou opositor de pretensos movimentos místicos que, em seu entender, buscavam exaltar o emocional e o fantástico em detrimento da

compreensão global das manifestações psíquicas. Não achava ele que certos movimentos “esotéricos”, como a teosofia de Helena Blavatsky, fossem dignos de interesse e considerava animalesca e perigosa a vertente ocultista criada, na Inglaterra, por Aleister Crowley e que atraiu a atenção de tanta gente, a partir do interesse de alguns artistas, especialmente durante a década de 60 do século XX.

Do mesmo modo, ele via como uma espécie de fuga das responsabilidades e de suas próprias raízes psíquicas o mergulho pretensamente integral de alguns ocidentais nas tradições, doutrinas e filosofias orientais, que, ademais, eram muito admiradas por Jung. Ele concordava que conceitos e pensamentos das tradições eram excelentes e apropriados para quem nascia nessas culturas, mas seu resultado poderia ser bastante diferente, mesmo o contrário do esperado, em pessoas advindas de um contexto ou culturas diferentes. Ainda assim, Jung estimulava o estudo do pensamento não ocidental, a partir do reconhecimento e assunção da própria tradição ocidental, como potencialmente benéfica, estimulando novos *insights* e produzindo a reflexão autocrítica necessária à percepção das limitações e das pretensões imperialistas étnicas da cultura da sociedade industrial, acreditando que uma síntese (*não uma mistura*) construtiva de tradições seria possível, possibilitando novas posturas de pensamento sobre o homem e suas manifestações culturais.

Jung sentia que, em seu tempo, muitos ocidentais tendiam a procurar o exótico Oriente (assim como os movimentos esotéricos) sem se aperceberem de que tal busca era um sintoma ou manifestação da carência espiritual corrente no Ocidente, uma compensação de um vazio espiritual e expressão, em uma forma simbólica, de busca de sentido, uma tentativa de recuperar uma mensagem mais significativa diante da insatisfação com o não cumprimento das promessas de felicidade e bem-estar da modernidade e seus modelos de relacionamento sociais utilitaristas, imediatistas, materialistas e competitivos, idealizando e projetando fora, no Oriente (como antes o fora no ideário do “céu” cristão), a existência e a pos-

sibilidade de vivenciar o “*paraíso perdido*”^[1] a que o modelo econômico e cada vez mais impessoal da cultura industrial ocidental parecia se contrapor, forçando assim uma ruptura e um desligamento de elementos importantes da própria psique apartada da cultura onde se desenvolveu, o que, apesar dos esforços, nunca é conseguido completamente e que, por força da repressão, acaba por emergir na consciencia, exigindo uma compensação.

A ânsia por espiritualidade, quando reprimida ou recalçada, acaba por se manifestar de forma doentia, em uma espécie de paródia negativa da busca por sentido, em uma reação desequilibrada. Boa parte das aberrações de cunho religioso fundamentalista e do extremismo político em suas diversas vertentes, ocidentais ou orientais, e que vemos avançar no mundo em pleno século XXI, pode ser interpretada como forte sintoma social de recalque desta universal busca por espiritualidade e do fracasso das tradições religiosas institucionais em orientar e dar acolhimento a esta ansiedade universal pelo espiritual em um mundo cada vez mais dessacralizado e instrumentalizado. O reprimido assim se manifesta em violência e táticas de exploração. Se vivo fosse, certamente Jung não deixaria de tecer irônicos comentários acerca dos pretensos gurus orientais vindo fazer fortuna no Ocidente materialista, e certamente teria críticas ainda mais ácidas a ocidentais que se fazem gurus orientais, até mesmo mudando o nome por outros de inspiração, por exemplo, hinduísta, para fazer fortuna em *workshops* e eventos de finais de semana, em cursos e palestras *fast food*, por vezes atrás de uma planejada barba branca ou de roupas de seda colorida em meio a fumaças de incensos, impedindo que seus frequentadores possam tecer quaisquer comentários ou críticas às suas verdades expostas. A mesma crítica, ou talvez ainda mais ácida, Jung faria aos atuais doutores da lei que ser arvoram como tais em diferentes vertentes cristãs, falando de Deus no céu e estabelecendo impérios teocráticos na Terra, demonstrando na prática o con-

[1] Sobre a força psíquica desta idealização e o significado da busca simbólica do sentido existencial e espiritual do “paraíso perdido”, veja-se o interessante estudo de Mircea Elidade, a partir das contribuições de Jung, na introdução de seu livro *Imagens e Símbolos*, publicado no Brasil pela editora Martins Fontes, 1996.

trário do que pregam em seus púlpitos ou mídias...

Portanto, nada menos verdadeiro no tocante a Jung que o interpretar como um místico, no sentido negativo do termo.

Para Jung, é necessário desconfiar de uma sabedoria que não é fruto da reflexão e da maturidade obtidas pelos próprios esforços e tampouco sem ligação com seu próprio contexto cultural, o que não exclui, claro, o contato construtivo e inter-relação com pessoas de culturas e diferentes tradições. Mas como ninguém pode realmente repassar a outrem uma história de vida e muito menos um conhecimento que foi elaborado em um contexto para outro sem que haja interferências e adaptações por vezes graves, melhor seria integrar as abordagens, criando canais de mútuo diálogo e compreensão e lutar por modificar no que for possível aquilo que nos incomoda na própria cultura, o que pode ficar mais claro a partir do contato com abordagens e culturas diferentes, tendo o cuidado de não misturar tradições cujos contextos históricos e sociais são fundamentalmente singulares, sob o risco de perdermos, num caldo amorfo, o melhor dessas diferentes culturas. Os grandes mestres espirituais apenas apontam caminhos possíveis de orientação que, para eles, foram úteis, deixando, contudo, aos discípulos a tarefa de caminhar por si mesmos. Ademais, sendo um crítico mordaz das diversas teologias e instituições criadas ao redor de Jesus, como elementos de apropriação de sua mensagem para fins nem sempre espirituais, Jung via no cristianismo a via espiritual mais indicada para o estilo ocidental, posto que, bem ou mal, foi a força da mensagem de Cristo que moldou a nossa cultura.

Jung também era especialmente crítico no que se refere à alienação do homem moderno pela estrutura social burocrática e hiper-racionalizada que estimula o desempenho de funções socialmente ou laboralmente esperadas em padrões de comportamento estereotipados. Reduzindo pessoas a papéis de produção e consumo, superficializando as relações sociais, Jung via no materialismo e mecanicismo do século XX, com suas crises econômicas e posturas de violência e intolerância, a expressão da fragmentação psíquica das pessoas, em que desajustes emocionais e sociais em nível individual tinham

sua contraparte nos conflitos e no aumento de tensão entre países, cuja contrapartida se expressa em atuações de psicopatologia social eminentemente suicidas, dos crimes ecológicos à promoção de corporações e seus interesses acima do bem-estar comum, estimulando o vazio existencial que leva ao desespero, à violência e à escalada do poder por quaisquer meios. A grande maioria da população, sendo desde a infância preparada e bombardeada por meio da mídia para aceitar como normais e inevitáveis os interesses impessoais e mesmo nocivos do grande mercado, dificilmente pode ter consciência da manipulação a que está submetida e muito menos, em tal contexto, encontrar um ambiente favorável ao processo de individuação, ou seja, ao desenvolvimento de suas potencialidades – isso quando a pessoa ainda tenha a sorte de nascer em um meio que permita ao menos adentrar na “luta pela sobrevivência”, pois o sistema social atual deixa milhões à margem mesmo desta oportunidade, onde o Estado de Bem-Estar Social é visto como entrave ao modelo acumulativo neoliberal que aprofunda cada vez mais a distância entre uma minoria rica e as demais pessoas.

Portanto, Carl Gustav Jung tinha uma noção clara e lúcida dos potenciais e perigos do drama humano que produz a cultura e a história, ainda que o mesmo ser humano que os produz nem sempre tenha consciência disto. Também estava claro para ele que boa parte dos perigos humanos vem do descaso com que nossa cultura hedonista e materialista trata das questões espirituais e dos potenciais humanos pouco compreendidos, o que inclui, claro, os potenciais psíquicos.

O fato de Jung ter vivenciado durante toda a sua vida uma série de *fenômenos paranormais* dava-lhe a certeza de que nosso conceito ordinário de realidade, baseado em uma visão de mundo eminentemente mecanicista, era por demais estreito e cruel, e este deveria ser ampliado o quanto antes, se queremos evitar um mal pior a nós mesmos e ao planeta como um todo.

Talvez a lucidez e perspicácia profética das ideias de Jung nos possam ajudar a rever padrões de pensamento e de comportamento, ajustando os fenômenos psíquicos em

um contexto menos hostil e em um novo modelo de realidade que seja menos mecanicista e mais orgânico, portanto, mais equilibrado, permitindo-nos, como em Shakespeare, intuir que temos muito o que aprender, e perceber que entre o céu e a terra existem realidades muito além dos limites de nossa condicionada percepção de mundo....

Carlos Antonio Fragoso Guimarães
João Pessoa, Paraíba, 27 de julho de 2003